

38 - F. S. NASCIMENTO

CADEIRA Nº 38
PATRONO: TIBÚRCIO RODRIGUES

F. S. NASCIMENTO

Francisco de Sousa NASCIMENTO, filho de Raimundo Antônio do Nascimento e Maria Elói de Sousa Nascimento, nasceu em Caririmirim, município de Serrita, Pernambuco, no dia 14 de outubro de 1926. Aos três anos de idade veio com os pais para o Crato, onde aprendeu as letras primárias e se diplomou Técnico de Contabilidade na Escola de Comércio daquela cidade do sul cearense, segundo informam, no ***Dicionário da Literatura Cearense*** *(1987), Raimundo Girão e Maria da Conceição Souza, que dizem: "Por muito tempo freqüentou as sessões dominicais do Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, e em 1949 restaurou o jornal* ***A Classe,*** *que tinha sido fundado em 1923 por alguns intelecuais, detre eles o futuro Reitor da Universidade Federal do Ceará, prof. Antônio Martins Filho. Não perdia ocasião para estar na Livraria Comercial, de Luís Carvalho Maia, depois dirigente da Livraria Renascença, de Fortaleza, e ali procurava participar das palestras de ordem cultural dos freqüentadores do estabelecimento, que se fez notável, neste particular." Segundo a mesma fonte, F. S. Nascimento fundou, com Florival Matos, a revista* ***A Província,*** *cujo primeiro número circulou no dia do primeiro centenário do Crato. Foi ainda um dos fundadores do Instituto Cultural do Cariri. Transferindo-se para Fortaleza, ingressou na Universidade Federal do Ceará como funcionário, encarregado do setor de Intercâmbio Cultural do Departamento de Educação e Cultura, que daria no futuro origem à Pró-Reitoria de Extensão. Foi durante algum tempo Assessor da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará. Obras publicadas:* ***A Estrutura Desmontada*** *(1972), análise estrutural das novelas-reportagem de Durval Aires;* ***Três Momentos da Ficção Menor*** *(1981), estudo de contos de Oliveira Paiva, Herman Lima e Eduardo Campos; e* ***Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos*** *(1990). Na obra coletiva* ***História do Ceará*** *(1989), organizada por Simone de Souza, há um trabalho de sua*

autoria, "Síntese Histórica da Escravidão Negra". Fez estampar inúmeros artigos em jornais como ***O Povo*** *e outros, freqüentando igualmente as páginas de revistas como* ***Clã, Aspectos, Revista da Academia Cearense de Letras,*** *etc. Dentre vários de seus estudos esparsos, podemos citar "A Hora e a Vez de Dois de Ouros", sobre a novela de Fran Martins, em* ***Clã*** *nº 22 (1966), "Canudos: uma Nacionalidade em Conflito", em* ***Aspectos*** *nº 17 (1980), "A Prospecção do Ser em Garcia de Paiva", no nº 18 da mesma revista (1981), etc. Jamais quis editar o livro* ***Conflitos e Tendências,*** *que em originais conquistara o Prêmio Cidade de Fortaleza de 1967 da Secretaria de Cultura de Fortaleza. Falando de* ***A Estrutura Desmontada,*** *assinalou Fábio Lucas que esta obra "constitui uma das boas contribuições à análise e à interpretação da narrativa no Brasil. Com ela, o A. combina harmoniosamente a serenidade da segurança cultural com o entusiasmo da criação ao nível da metalinguagem".*

A PROSA ALICIANTE DE MÍLTON DIAS

1. *O Habitante da Noite*

Para compreendermos o interesse do público pelas crônicas e histórias de Mílton Dias, será necessário que nos detenhamos na leitura de suas deliciosas peças literárias, semanalmente estampadas no jornal *O Povo,* ou, numa visão global, que devassemos as páginas dos seus livros *Sete-Estrelo* (1960), *As Cunhãs* (1966) e *A Ilha do Homem Só* (1966), estes dois últimos lançados pela Editora Cearense, de Fortaleza, e a Gráfica Record, do Rio de Janeiro. A impressão que se tem, logo à primeira vista, é de que não se trata apenas de um cronista do cotidiano, no sentido atual do termo, mas de um escritor em busca de soluções dinâmicas, para cada personagem poder mostrar, em palavras e atos, seus atributos de vida, sentimento e amor.

Já em *Sete-Estrelo* se configurava a tendência de Mílton Dias para transcender os limites da crônica, ousando exercitar-se, e com êxito, numa área da criação literária ocupada pelo conto. A história de Sandra, o "angelito negro" de vestidinho roto e cabelos feitos rosquinhas; de Arabela, a que dançava no arame e cantava tangos nos intervalos do circo; de Lirinéia, a que se matou de paixão pelo palhaço; de Maria, a perneta, que ao som plangente de uma viola gostava de cantar tristes modas antigas; finalmente, toda uma galeria de filhas de Eva, ao formar a sua própria comédia humana, ganha corpo e vida nas páginas do primeiro livro de Mílton Dias, vagueando dentro de uma dimensão que somente num gênero estruturalmente acima da crônica poderia acontecer.

Em *As Cunhãs,* Mílton Dias atingia, no nosso entender, um patamar bastante alto em sua carreira de escritor, oferecendo, através de suas histórias, uma contribuicão valiosa aos estudos sociológicos em nosso meio. Dedicando-se, de modo particular, a uma temática havida como inexplorada em nossa literatura, Mílton Dias não somente se dispôs a fabular em torno de suas cunhãs, como buscou dimensionar seu valor humano e determinar seu nível de relacionamento na organização da família cearense. Iniciando pela caracterização semântica do termo, assim definia a sua entidade ficcional: "Cunhã é geralmente a serviçal, nova ou velha,

que participa da vida da família, penetra nos seus segredos e mistérios, conhece os gostos, as preferências, alegrias, cacoetes, devoções, tabus de todas as pessoas da casa", descobrindo-lhes "a crônica, as manhas, os problemas, os amores, os casos, as obrigações, aventuras e mal-aventuranças."

Todavia, não satisfeito apenas em tipificar a sua personagem, Mílton Dias procurou também classificá-la antropológica e socialmente, concluindo que, variando de nuanças e misteres, ela "pode ser preta, pode ser mulata, cabocla, cafusa, pode até ser branca — o que importa, principalmente, é a condição de cunhã, a doméstica, cria de casa, agregada ou alugada. Às vezes humilde, tenra, obreira, honesta, se incorpora ao clã feito filha postiça e ainda depois que contrai marido, não se aparta, não quebra amarras, constitui família paralela, não deixa de servir, fica voltando à casa-matriz nas grandes ocasiões, nos rompimentos, nas alegrias, nas bodas, nos batizados, nas doenças, nas mortes."

Tomada ao pé da letra essa divagacão a respeito da cunhã, aos estudiosos de literatura passaria a interessar a textura ou forma, para análise do estilo do escritor. E, certamente, para esse aspecto da obra de Mílton Dias têm se voltado os receptores dessa floração estética, a buscarem nas peculiaridades de sua prosa aqueles cacoetes provincianos que, pela sua espontaneidade e pelo seu halo poético, têm contribuído decisivamente para o originalidade de suas histórias. Animadas por essa urdidura expressiva é que as cunhãs Nadora, Marinete e outras semelhantes do ofício se tornariam figuras conhecidas e bem-faladas por esse mundo a fora.

Em *A Ilha do Homem Só* já se nos depara um escritor voltado para outro aspecto da condição humana, a ruminar dentro do silêncio profundo das noites insones as suas lembranças do mundo, das cousas e da vida. "Pastor solitário de olhos acesos — confessou o próprio Mílton Dias, habitei noites estranhas, grávidas de mistério, caminhei longe, lua crescente, lua minguante, de novo mulher, demônio de novo, raio verde, sol poente, navio bêbado... Testemunha e participante, fui ouvindo conversas conversadas, somei cartas, casos, vivências, andanças, mal-venturanças, amores, alegrias, salmos, sofrimento, ajuda — toda a humana safra que trago aqui para os vossos olhos e que fui colhendo devagarinho, cada noite, na minha ilha, na *ilha do homem só.*"

Nesse mundo povoado de fantasmas e marcado pelas longas

caminhadas nas noites pejadas de mistérios, viveu o companheiro de Passarinha, aquele caminhante solitário que, embalado por algumas doses de uísque, trazia consigo o peso do celibato e as penas da solidão e que, de súbito, foi assaltado pelo desejo de constituir um lar, com esposa, meninos, jardim, caramanchão, galinhas. Também nesse mundo habitou aquele jovem pintor, desimpedido e amorento, que usando e abusando das manhas de cupido, fez perder a cabeça a uma graciosa mãe de cinco filhos, que embalde resistiu à sua lábia de camelô, ao seu bigode suburbano e ao seu jeito vitorioso de galã municipal.

Sobre esses tipos curiosíssimos que habitam as páginas de *A Ilha do Homem Só* poderíamos discorrer longamente, descobrindo nuns a tendência para pastores das noites silenciosas e tristes; noutros, a vocação para casanovas indiferentes à desgraça de lares que se desfazem, sob o impulso dos seus desejos incontidos e mutáveis. E é para a textualização de tudo isso que nos sentimos atraídos, pela maneira peculiar de Mílton Dias fabular, em cujo suporte artesanal se firmam todos os seus livros. Pena que o espaço aqui disponível não permita a análise de um fenômeno estilístico tão farto e diverso.

Para começo, teríamos de estabelecer quais as diretrizes a adotar na abordagem de tal fenômeno: se tomando-o como soma de valores psíquicos ou afetivos da linguagem organizada, voluntária ou conscientemente posta a serviço da criação artística, (1) ou se analisando-o consoante os princípios da escola estilística de Dámaso Alonso, que, ampliando conceitos emitidos em sua obra básica, afirmou ser o estilo a própria obra literária, (2) ou se levando em conta "tudo quanto faz uma entidade literária, um livro, um escritor, uma época, sua individualidade." (3)

Partindo destas breves considerações sobre estilo, e valendo-nos de outros meios de avaliação e análise da moldagem estética da obra literária, poderíamos delimitar o universo estilístico de Mílton Dias, surpreendendo-o em plena intimidade do seu artesanato

---

(1) Cf. BALLY, Charles. *Traité de Stylistique Française*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951.

(2) ALONSO, Dámaso. *Poesia Espanhola*- Ensaio de Métodos e Limites Estilísticos. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1960.

(3) CASTELO BRANCO, Camilo. *A Corja*. Porto, Liv. Chardron, 1903.

ou descobrindo particularidades idiomáticas na estrutura verbal de suas histórias. Com essa disposição especulativa, procuraríamos identificar o velho e o novo em sua linguagem, tentaríamos avaliar o contingente de elementos cultos e populares que entram em sua prosa variada e amena, e transporíamos, finalmente, o véu diáfano que encobre todos os contornos e volteios do seu fantasioso engenho literário.

Todas estas divagações cremos plenamente justificáveis, porque decorrentes da significação da obra de Mílton Dias como fonte de pesquisas para os estudiosos dos fatos da linguagem e, particularmente, de sua fortuna estilística. Partindo do erudito para o popular em sua maneira de dizer, ser-nos-ia fácil verificar que, dentre os múltiplos elementos que enttam na composição do seu estilo, alguns existem que denunciam o manuseio de velhos clássicos portugueses, a exemplo do pleonasmo "conversas conversadas" e outros estereótipos sintáticos. (4)

Noutras passagens dos livros de Mílton Dias, sentimos o seu pisar em território camiliano, quando, desafiando rígidas normas estabelecidas pelos nossos gramáticos, mostra como exprimir-se através de uma cláusula subordinada, em que a oração principal, mentalmente implícita, somente se explicaria por indução. Referimo-nos àquele passo de *As Cunhãs*, em que se lê: "Que o homem era solteirão, de saúde boa, mas dinheiros curtos, depois melhorou de dinheiro e piorou de saúde." Para se ter uma idéia da excepcionalidade desse caso de estilo brechado, bastará dizer que, talvez somente em Camilo, e em mais nenhum escritor português, encontrará o leitor semelhante torneio sintático vazado em frases desta natureza: "Que estava de mal, arrufada com a Flora." "Que lhe perdoava a ingratidão, porque o amor seu dela era maior do que o crime dele", "Que assim que pudesse chorariam ambos, um nos braços do outro." (5)

Mas, se a participação do elemento culto no estilo de Mílton Dias resulta no florescimento de estereótipos sintáticos hoje tão escassamente introduzidos no falar moderno, porque pertencentes

---

(4) BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
(5) CASTELO BRANCO, Camilo. Op. cit., p. 66.

a uma deriva remota da língua só muito raramente pesquisada, não menos valiosa é a significação do popular na estrutura de sua linguagem ou estilística particular que, assim enriquecida, se nos apresenta preciosamente marcada pelas vozes em tempo lento do povo da terra. Sobre este último aspecto, sugeriríamos que os seus exegetas se ocupassem em estudos de maior profundidade que este, porque nele repousam, sem dúvida, todas as suas boas qualidades de escritor.

Esse pastor solitário das noites estranhas, grávidas de mistérios e ilusões perdidas não é, conforme tentamos demonstrar, apenas o cronista do cotidiano, preocupado em abordar apressadamente o drama das multidões que passam. Mais do que simples esboços, seus tipos se movimentam dentro de uma atmosfera reconhecidamente literária, enchendo-se de vitalidade toda a galeria humana que vagueia pelas páginas de *Sete-Estrelo, As Cunhãs* e *A Ilha do Homem Só*. E, acima de tudo isso, repousa o valor artístico de sua prosa, tão deliciosamente marcada pelas entonações coloquiais que pontilham as suas histórias.

2. A Capitoa

Ao incomodar os teóricos da literatura quanto à especificidade de sua escritura artística, Mílton Dias reforça a convicção de que suas narrativas não raro transcendem os limites poemáticos da crônica. O jeito como manipula os significantes condutores de vibrações humanas permite acentuar a ilusão de verdade do caso artificiosamente reconstituído, culminando algumas de suas tipificações em imagens vitalizadas, atuantes, enquadráveis na dinâmica concedida à personagem de ficção.

Apresentam essa organicidade os tipos postos em relevo nas manchas ambientais de *A Capitoa*, (1) mostrando-se dotados das amarras próprias da condição humana, mas vagueando sob um halo de ternura e simplicidade. Em todos os episódios assim concebidos, evidencia-se o empenho do fabulador de recriar pormenores, de alargar o intricado do acontecido, de produzir

---

(1) DIAS, Milton. Op. cit., Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1982.

ingredientes emotivos para um desfecho feliz ou triste. Isso significa dizer que o ponto de vista se consubstancia através de um informante, pela voz do narrador.

Quando o fabulador transfere o recurso da fala a qualquer um desses tipos, e mais, quando essa fala produz respostas, estabelecendo o diálogo ou outro procedimento contrapontístico, ou ainda, quando as ideações do ser passam a organizar-se ou inversamente a desorientar-se mediante a tessitura do monólogo interior, a narrativa assume plenamente a dinâmica da ficção. Claro que isso não poderia suceder em conseqüência de um distraimento do ficcionista, e sim de uma intenção preconcebida e tecnicamente armada, visando animar o tipo esboçado para este exercer, por si mesmo, os atributos da expressão verbal ou do silêncio convertido em reflexões torrenciadas pela consciência.

Em "Baralho e Tamanco", essa elaboração formal é desenvolvida tal como exige a moderna técnica da ficção e, como bem urdidos os elementos estruturais da fabulação, o resultado não poderia ser outro senão o de um conto sugestivo e aliciante. A novidade dessa narrativa começa pelo anonimato das personagens em cena, conferindo-se a lição de que, em matéria de representação ficcional, o nome pode ser um instrumento de caracterização dispensável.

A duração objetiva desse conto é outro elemento que contribui para a sua modernidade. O tempo corrido nessa projeção incidental, que apenas envolve as falas entre a cartomante e o consulente, resultaria numa simples especulação futurista, ou vaticinadora, se não acontecessem os fluxos da consciência que, assumindo a linguagem reconstituidora do *flash-back*, colocam essa segunda personagem em sérias aperturas.

Já se disse que em William Faulkner os fluxos da consciência chegam a ocupar mais tempo e a despertar maior interesse do que as cenas nucleares, do plano externo, porquanto cortadas e superpostas por lembranças imagisticamente revitalizadas. Sem, evidentemente, inspirar-se na técnica desse grande ficcionista norte-americano, Mílton Dias consegue idênticos resultados, fazendo seguidas transições em que, através dos mecanismos da intriga, põe o consulente em atrito contra a esposa e a sogra.

Sem a estrutura ficcional de "Baralho e Tamanco", cuja ação se desenvolve nos planos externo e interno, as demais narrativas enfeixadas no capítulo *Do Cotidiano* apresentam outros atrativos

que levam ao prazer da leitura, notadamente pelos aspectos existenciais explorados. Apontaria a "Cena de sangue" como outro bom momento de Mílton Dias na área da curta ficção, pela forma como se vê flagrado o marido traidor, e como este, contornado o vexame, volta a insistir na prevaricação conjugal.

Em "A Aventura", tem-se mais uma demonstração da capacidade inventiva de Mílton Dias, ao transpor para o cenário da ficção um momento da existência de um romântico pai de família, eventualmente distanciado da esposa e dos filhos, que os deixara ir passar as festas natalinas numa cidade do interior. O episódio, em sua versão real, se reproduzido em linguagem informativa, caberia num resumo de 5 a 10 linhas. É o que teria escrito, como protagonista que fui dessa experiência de solidão, com a saudade concentrada na imagem do filho Pablo, o caçula, com um ano e meio de idade.

Fazendo uso do que permite a estilística da ficção, Mílton Dias emprestou maior complexidade ao breve incidente, recheando-o de contratempos, desencontros e outros ingredientes geradores de frustração e revezes. Mais do que isso, procurou esvaziar o fulcro da melancolia, levando o protagonista a uma série de entretenimentos: cinema, passeio noturno pela praia e outras distrações. Com esse perambular pela cidade em clima de Natal, o ficcionista conseguiu armar um desfecho contundente, redimensionando a trlsteza da personagem, que termina recolhido ao lar, sem nenhum remédio para a sua crise de solidão.

O capítulo *De Antigamente* se inicia com "A Capitoa", uma narrativa sem abertura para o diálogo, porque toda conduzida pela voz do narrador. Aliás, a onisciência de que se atribui o protagonista observador já decorre de um procedimento ficcional, através do qual toda a manipulação dos instrumentos formais tende a criar a ilusão de verdade, que é a função precípua do fabulador. E em "A Capitoa" essa estrutura é de tal modo elaborada, que a personagem consegue impor-se como entidade orgânica, logrando fixar-se no plano das reiações tangíveis com atributos humanos e sociais plenamente aceitáveis.

Aos que insistem em rotular o conto clássico de "começo, meio e fim", diria que "A Botija" é uma narrativa de "meio e fim", porque tia Candinha já surge como personagem de ficção numa faixa etária oscilante para mais dos trinta anos. Daí por diante é que passa a ocupar o centro de mais um episódio da condição

humana, em que as demonstrações de carinho ou os acessos de antipatia fazem ressaltar as singularidades de uma titia com enorme capacidade de renúncia e humildade, apesar dos atrativos pessoais que iriam lhe assegurar a independência financeira, ainda que vivendo sob teto alheio.

Das narrativas desse capítulo de *A Capitoa,* ressaltaria ainda "O Retrato" — um excelente quadro da solidão; "Estória de Amor ao Chão" — outro bom episódio da condição humana; "Damião e Balbina" — ele que "vinha do mundo, (e) não contava passado", e ela, birrenta, a resmungar "frases reticentes, incompreensíveis" contra o andarilho recém-agregado ao Sítio Estrela d'Alva. As demais histórias apresentam, também, apreciável nivel artístico, embora pouco aquém das três citadas, em que o processo de vitalização das personagens me pareceu mais convincente, pela adequação às medidas da existência.

No capítulo "Paleio Mesmo", Mílton Dias reassume integralmente o estilo ameno do cronista, e cada texto elaborado através de sua máquina de reproduzir cenas, fatos e evocações se transforma numa peça de agradável leitura. Aliás, a manipulação estilística sempre foi o aspecto mais forte da arte narrativa de Mílton Dias. Seus arranjos formais são peculiaríssimos, inimitáveis, e não conheço outro escritor cearense que haja conseguido emprestar maior brejeirice ao falar de suas personagens.

Acredito que seja justamente em razão dessas peculiaridades estilísticas, da utilização de vocábulos enriquecidos de prefixações e sufixações arraigadamente populares e do arranjo coloquial da frase, que os livros de Mílton Dias chegaram aos cursos de letras, motivando estudos sob os mais variados ângulos. Todos esses ingredientes que fazem de sua prosa um laboratório do falar cearense poderão ser identificados em *A Capitoa,* sem dúvida uma das mais aliciantes coletâneas de narrativas geradas pela sua imaginação criadora.

De *Apologia de Augusto dos Anjos e Outros Estudos (1990).*